

humanitas



Vol. LXIII
2011

LESSA, F. de Souza, BUSTAMANTE, R. M. da Cunha (orgs.), *Dialogando com Clio*, Rio de Janeiro, Mauad Editora, 2009, 222 p. ISBN 978-85-7478-294-2.

O sugestivo título desta publicação, de formato bem manuseável e cuidada apresentação, já nos indica o seu carácter de reflexão teorizante sobre a História. Indica-nos, contudo, que essa reflexão é descentrada, evitando um olhar umbilical sobre o seu objecto. O diálogo – melhor – os diálogos são cultivados a partir de outras áreas, porventura pertencentes à esfera de outras Musas, na boa sequência do exemplo de Aristóteles, no cap. IX da *Poética*, ao pôr frente a frente a *poiesis* mimética, mais filosófica e universal, e a história, a que não é negada a natureza filosófica, ainda que em grau diverso e inferior. É precisamente a procura da universalização possível, que leva à verificação de princípios e enunciação de leis gerais, a partir de fenómenos diversificados na sua particularidade, que confere unidade a esta publicação, organizada pelos quinze anos do Laboratório de História Antiga da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como informa a introdução de Neyde Theml, Prof. Titular do referido Laboratório, que conclui com a desafrontada e lúcida posição sobre a vocação da Universidade, para lá de todos os clichés e experiências falhadas das últimas décadas: “a Universidade é um lugar prioritariamente de pesquisa” (p.8). Não poderia estar mais de acordo. E que sejam dadas condições e reconhecido e respeitado o estatuto de quem tem o dever e a função de pesquisar. A polícroma e, eventualmente, desconcertante variedade do campo das colaborações justifica-se pela natureza da publicação, que os organizadores têm o cuidado de explicar: trata-se dos resultados de pesquisa de um grupo fortemente interdisciplinar, cujos eixos temáticos são “Diálogos interdisciplinares, História e Cultura Escrita, e História e Cultura Material” (p. 9). A metodologia que suportou essa pesquisa, até aos seus resultados, é animada por um forte dinamismo e modernidade, de acordo com o que se cultiva nas melhores universidades: os alunos são convidados a apresentar os resultados da sua investigação em curso, em seminários em que participam os seus colegas, orientadores, e especialistas da área em apreço, promovendo-se, assim, uma salutar cultura do diálogo crítico e do debate.

Certamente por esse motivo nos apercebemos de uma estrutura análoga nas contribuições: apresentação do “estado da arte”, reflexões teóricas e apresentação da metodologia seguida, com a proposta de tese a demonstrar. Ao texto segue-se a bibliografia utilizada e, eventualmente,

outros documentos. Mirian Goldenberg, “Corpo e envelhecimento na cultura brasileira” (pp. 23-39) compara duas culturas em que a população feminina ‘vive’ o seu corpo, o envelhecimento e a sua relação com o universo masculino de forma absolutamente diversa: a cultura brasileira e a alemã (marcada pela leitura de P. Bourdieu), para concluir que o cuidado brasileiro com o corpo, como uma espécie de veste identitária (enquanto a mulher alemã profissionalmente ocupada envelhece, de preferência, vestida pela sua autonomia e independência) se relaciona, num mundo de emancipação feminina em relação ao masculino, com a manutenção do que a autora chama um novo capital – o capital marital. Sugeria, em futuro trabalho, a comparação com o que se passa num terceiro espaço: o espaço latino europeu, marcado por uma tradição em que se sente forte proximidade com a tradição brasileira, mas marcado, desde a segunda metade do séc. XX, pela crescente influência da ‘cultura do Norte’. J. A. Dabdab Trabulsi, em “Gaetano de Sanctis. História Antiga e Fascismo” (pp.41-60), ao deter-se não apenas na biografia, mas também nos escritos do especialista em História Antiga De Sanctis, demonstra, com uma apurada leitura conjugada de ambas (vida e escrita), que De Sanctis procurou, nos conturbados tempos da sua existência, na Itália de fim do séc. XIX até à Itália dominada pelo Fascismo, escapar à “romanolatria oficial” reinante, ainda que com sacrifício da sua carreira, tornando-se uma espécie de consciência moral da Itália. Há que compreender o seu trajecto e as suas convicções de defesa da ideia de império e de colonialismo no contexto do tempo de que ele é filho. M. Marchiori Bakos, em “Hieróglifos e arte. Diálogos com a História” (pp. 61-86) centra-se na Paleta de Narmer, o primeiro registo em hieróglifos, e cruza, num proveitoso discurso, informações ou hipóteses sobre a instância produtora de hieróglifos e a natureza destes, reportando-se às reflexões de Ricoeur sobre a escrita: ela não é um meio de reduzir, mas de ampliar a realidade, tanto mais, como demonstra a autora, que essa escrita, sendo iconográfica e artística, é sugestiva e polissémica (essa polissemia é reduzida pela utilização, já ao tempo, de sinais fonéticos determinativos do conceito desenhado). F. de Souza Lessa, “O Odisseu atleta entre os feácios: os jogos em Homero” (p.77-86), na sua análise centrada no canto VIII da *Odisseia*, demonstra claramente que a sociedade dos feácios e o ambiente em que decorrem os jogos espelha uma consciência de identidade/alteridade que se está a sedimentar na época em que o poema foi composto. O espaço de Polifemo constitui um espaço de estranhamento, alteridade e barbárie; a corte de Alcínoo e o comportamento dos concorrentes aos jogos atestam o

cumprimento de regras de hospitalidade que são gregas (talvez com a exceção de Eurímalos). Ulisses é, simultaneamente, *xenos* e *philos*. *Xenos* significa, no contexto, ‘estranho’ e o autor evoca, pertinentemente, Konstan, que lembra que *philos*, associado a *xenos*, selecciona, entre os desconhecidos, aqueles para quem e com quem as regras de hospitalidade são reconhecidas. M. C. Colombani, “La duplicidad intrínseca de Apolo” (pp. 87-109) explora bem a tradição da interpretação deste deus, para concluir que, no deus da luminosidade oracular, convive uma outra dimensão: a da crueldade. “Apolo es a la luz lo que Dioniso es a la oscuridad” (p.108). M. Mega de Andrade, em “*Logos gynaikos*” (pp. 111-122) parte de textos da literatura e do teatro grego, como a *Lisístrata*, de Aristófanes, para chegar ao conceito de ‘cidadania civil’, estatuto não previsto pela lei mas de influência e consistência da mulher na sociedade grega. A autora dá corpo à sua tese com o testemunho epigráfico de ‘sepulturas falantes’, como a de Mélita, em que a falecida se despede do marido num tom testamentário quanto ao futuro dos filhos, lembrando Alceste. S. R. Rebel de Araújo, “Imaginário e narrativas. A história dialoga com a literatura no Mundo Antigo” (pp. 123-140), defende que a escrita de *Metamorfoses*, ou o *Burro de Ouro*, por Apuleio, pode ser a resposta à angústia sofrida anos antes pelo processo de que foi alvo, representando uma releitura da sua Apologia. A. T. Marques Gonçalves, “Júlio César e Cleópatra na obra *História Romana* de Dión Cássio” (pp.141-154), sublinha, na sua exposição, até que ponto D. Cássio utiliza a relação entre César e Cleópatra para demonstrar o modo como o poder ilimitado de chefes romanos criava ao senado constrições, já que não tinha a capacidade, por medo ou por ambição, para impor limitações a quem dele recebera a autoridade absoluta. G. Ventura da Silva em “Pro-sélitos e judaizantes” (pp. 155-173) demonstra como a legislação romana do séc. IV, em tempo de oficialização do Cristianismo, lida ambigualmente com os judeus do Império: por um lado reconhece-os formalmente, por outro percebe-se o desejo, por parte dos imperadores, de evitar a expansão do judaísmo. Uma obra cujo conhecimento considero proveitoso é a de N. S. Rodrigues, *Ivdae in Vrbe: os Judeus em Roma de Pompeu aos Flávios*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007. M. R. Candido, “Casa D do distrito industrial de Atenas” (pp. 175-184), apresenta-nos um problema em aberto: o achado de uma lâmina metálica contendo uma *defixio*, do séc. V, junto a uma casa da mesma época, parece ter sido aí enterrada para amaldiçoar os proprietários, possivelmente artesãos de metais. A grafia da placa, contendo troca de símbolos gráficos, põe duas soluções em aberto

sobre a sua autoria – ou a de um feiticeiro não-ateniense, ou a de um ateniense ainda não familiarizado com a nova grafia vigente. A questão é equacionada com toda a prudência, por parte da autora. N. Musco Mendes em “A documentação de cultura material e o sistema de economia imperial romano no litoral sul da Lusitânia” (pp.185-203) conclui, dos achados de cerâmica no Alentejo e Algarve, já do séc. V-IV a. C., que as populações indígenas interagem com mercadores gregos, integradas no circuito do Golfo Gaditano, fazendo, assim, parte de um sistema de economia mundial (ao tempo o *Mare Nostrum*), com incremento da produção local. Das várias produções locais se registam vestígios de crise desde o séc. III d. C, o que aponta para a desagregação dessa economia, que acompanha a desagregação do Império. O livro termina com R. M. da Cunha Bustamante, “Caça e poder no discurso musivo afro-romano”: de novo a História e a *Poiesis* em diálogo. As cenas representadas, mais que mera mimese, representam o gosto dos clientes. A imagem diz o que diz e o que por ela se deixa dizer: a afirmação de um *status* do proprietário do lugar para que foram criadas, ou o desejo de aparentar esse *status*. O artigo é enriquecido com ilustrações na p.209.

Trata-se de uma obra que pode interessar a vários ângulos de abordagem do Mundo Antigo e, em alguns casos, de *Genderstudies* hoje. Talvez a leitura e o conceito de ordenação resultasse mais claro se as rubricas contidas no índice fossem também explicitadas, como secções, ao longo do livro, cujo valor, como testemunho de uma metodologia de trabalho universitário, é bastante valioso.

M. C. FIALHO

LOPES, Rodolfo, *Platão. Timeu-Crítias*. Tradução do grego, introdução, notas e índices. Coimbra: CECH, 2011.

É sempre com satisfação que recebemos a notícia de uma nova tradução de um diálogo de Platão para a língua portuguesa. Em se tratando do *Timeu-Crítias*, a satisfação é ainda maior, por se tratar de uma obra pouco traduzida e comentada nos países lusófonos.

A estrutura escolhida pelo tradutor é interessante aos estudiosos, principalmente aos iniciantes na leitura dos diálogos em questão, por se preocupar em contextualizar de maneira didática os principais temas e problemas ali envolvidos. Todavia, não podemos deixar de observar uma